

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA VANESSA DE SOUZA ARAÚJO

**GÊNERO E RISCO SOCIAL: A relação entre mulheres, uso de drogas e violência
como fenômeno social**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

MARIA VANESSA DE SOUZA ARAÚJO

**GÊNERO E RISCO SOCIAL: A relação entre mulheres, uso de drogas e violência
como fenômeno social**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Alex Figueiredo da Nóbrega

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

MARIA VANESSA DE SOUZA ARAÚJO

**GÊNERO E RISCO SOCIAL: A relação entre mulheres, uso de drogas e violência
como fenômeno social**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 07/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Alex Figueiredo da Nóbrega

Membro: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Proa. Me. Moema Alves MAcedo

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

GÊNERO E RISCO SOCIAL: A relação entre mulheres, uso de drogas e violência como fenômeno social

Maria Vanessa de Souza Araújo¹
Alex Figueiredo da Nóbrega²

RESUMO

O presente trabalho tem como foco compreender as vivências de mulheres em sociedade com base na socialização feminina, compreendendo seus impactos a nível individual e coletivo. Foi feita uma relação com o uso de drogas, considerando os impactos dos diversos fatores nessa problemática. A partir disso, a compreensão do uso de drogas dentro das perspectivas de gênero se faz necessária para uma compreensão integral sobre, sendo preciso observar as formas como as experiências vividas por mulheres na sociedade podem ter impacto resultando em um uso de substâncias. A pesquisa em questão é uma análise exploratória, de abordagem quantitativa, com objetivo de coletar, através de questionários, informações relativas às vivências de gênero de mulheres e o uso de drogas das mesmas. A pesquisa foi realizada com uma amostra de 100 mulheres, que responderão um questionário disponibilizado de modo online sobre questões sociodemográficas, de gênero e de consumo de substâncias. Os dados foram analisados através do Pacote Estatístico para Ciências Sociais (IBM SPSS v.20). Obteve-se como resultado o que 88% das mulheres se sentem oprimidas por ser mulher e 70,9% já sofreram algum tipo de violência. Quanto ao uso de drogas 87,3% das mulheres já fizeram uso de alguma substância e foi observado as consequências negativas, do uso de drogas nas mulheres, com foco nos aspectos sociais.

Palavras-chave: gênero; violência; uso de substâncias.

ABSTRACT

The present work aims to understand the experiences of women in society based on female socialization, by comprehending its impacts at individual and collective levels. The study related these aspects with drug use, considering the impacts of different factors on this problem. From this, understanding drug use within gender perspectives is necessary for a fully comprehension of it, and it is necessary to observe the ways in which the experiences lived by women in society might have an impact resulting in substances use. This research is an exploratory analysis, with a quantitative evaluation, with the aim of collecting, through questionnaires, information regarding the gender experiences of women and their drug use. The research was carried out with a sample of 100 women, who will respond to a questionnaire provided online about social, demographic, gender and substances use issues. Data were analyzed using the Statistical Package for Social Sciences (IBM SPSS v.20). As a result, 88% of women feel oppressed for being women and 70.9% have already suffered some type of violence. When it comes to drug use, 87.3% of women have already used some substance, which has caused negative consequences, mainly on social aspects.

Keywords: gender; violence; substances use.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: vanessamsa99@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: alexfigueiredo@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

É inquestionável a relevância do debate quanto ao uso e abuso de drogas no Brasil, compreendendo seus impactos a nível individual e coletivo, observando-se o seu avanço e expansão dentro da sociedade. A partir disso, a compreensão dessa problemática dentro das perspectivas de gênero se faz necessária para uma compreensão integral sobre, sendo preciso observar as formas como as experiências vividas por mulheres na sociedade podem ter impacto, resultando em um uso de substâncias.

O uso de substâncias, por vezes, ainda é visto como um problema masculino, de modo que não são pensadas ou discutidas, na mesma intensidade, as causas, consequências e métodos de enfrentamento dessa problemática em mulheres. Isso tende a resultar em um conhecimento limitado sobre a questão e intervenções e tratamentos que desconsideram os impactos sociais do uso de drogas, se baseando em necessidades masculinas e desconsiderando as diferenças sociais e culturais nas experiências de vida de homens e mulheres.

A expansão e a complexidade no que envolve o uso de drogas tem exigido um rigor no estudo da temática, necessitando a contemplação do indivíduo dentro da sua pluralidade, os meios onde está inserido, as relações que estabelece socialmente, as substâncias que usa, os contextos em que é usada, não podendo ser compreendida de forma isolada e desconsiderando a epidemiologia (OLIVEIRA; PAIVA; VALENTE, 2006).

Entretanto, o que pode se observar é que, apesar de ser um marcador social necessário para compreender as subjetividades dos sujeitos, gênero muitas vezes não tem a notoriedade necessária no que se refere a temática do uso de drogas. A compreensão do contexto sociocultural remete incluir a situação social, político-econômica e suas correlações e buscar entender as posturas tomadas pelos sujeitos nas pesquisas (SOUZA et al; 2016). A partir dessa perspectiva, pode-se levar em conta os pontos de vista das mulheres que fazem uso de drogas, posição necessária para assim compreender a questão a partir da perspectiva de gênero. Analisar desse prisma se faz importante frente ao fato de que as mulheres mesmo com o avanço científico das questões relativas à categoria de gênero, ainda são invisibilizadas na temática nos campos das ciências.

Assim, se faz necessário a inclusão da temática dentro dos estudos, investigações e tratamentos desse problema de modo a se identificar suas repercussões na saúde psicossocial de mulheres, podendo-se assim ter um melhor vislumbre sobre as perturbações causadas pela relação de poder existente dentro da socialização masculina e feminina.

Compreendendo esses diversos impactos da relação de poder dentro da perspectiva de gênero nos sujeitos, esse marcador se faz indispensável para a compreensão e reconhecimento dos impactos que a construção social e cultura sobre masculinidade e feminilidade tem sobre o sujeito e conseqüentemente sobre seus hábitos (VENOSA, 2011). Gênero se constrói, então, como uma categoria de abordagem de relevância para compreender o uso de drogas dos sujeitos e nos grupos, em interseção com raça e classe (CUGLER, 2018).

Fica evidente, assim, que o uso de drogas não pode ser reduzido a seus aspectos biológicos ou psicológicos, devendo entrar em destaque também os fatores sociais e culturais envolvidos. O conceito de gênero adotado na pesquisa tem como base a teoria materialista, a qual parte do princípio de uma compreensão de gênero enquanto resultado de uma socialização com base nos determinantes biológicos. Partindo disso, a pesquisa tem como objetivo identificar a correlação das vivências de gênero de mulheres e uso de drogas a partir da perspectiva de socialização feminina, de modo a avaliar os impactos psicossociais da socialização nas mulheres; investigar a relação entre as vivências de gênero e uso de substâncias e compreender as conseqüências na vivência da mulher que realiza uso de álcool ou outras drogas.

2 UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE GÊNERO, VIOLÊNCIA E DROGAS

2.1 A VISÃO MATERIALISTA DE GÊNERO

O conceito de gênero vigente atualmente permite se compreender que os parâmetros para a compreensão do que compõe socialmente homem e mulher são produzidos socialmente dentro da cultura a partir de influência dos discursos institucionais, tornando os corpos “marcadores sociais”. O conceito de gênero é sobretudo uma conquista do movimento feminista que possibilita compreender as desigualdades entre homens e mulheres, relacionadas ao determinismo biológico (JANSEN; MEYER; FELIX, 2014).

Dentro da visão materialista, gênero, ao contrário da perspectiva de identidade ou característica inata e natural, passa a ser percebido enquanto um sistema de hierarquia, no qual se mantém em lugar de subordinação às mulheres (LERNER, 2020). A base materialista se dá com as reflexões trazidas em “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir. A famosa frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” (2016, p.4) traz as concepções básicas da autora quanto a categoria de gênero.

Entendendo gênero como produto da socialização, esta, que de acordo com a autora começa antes mesmo da criança nascer, Beauvoir observa que o “ser mulher” é resultado da imposição social de comportamentos interpretados como masculinos e femininos. Onde, a partir da descoberta do sexo da criança, se atribui à mesmas comportamentos e características desejáveis, com base nas suas características biológicas. A autora destaca ainda que essa construção da mulher não se dá de modo efetivo, sendo um processo que a acompanha durante toda sua vida (BEAUVOIR, 2016). A partir disso, o materialismo compreende que a base da opressão das mulheres está nas características biológicas e principalmente reprodutivas, impondo a partir destes os comportamentos de feminilidade (SAFFIOTI, 2004).

É a partir de tal processo que se compreende o papel da socialização dentro disso. O conceito de socialização construído dentro da concepção materialista de gênero, compreende os traços de masculinidade e feminilidade como consequência da imposição social e cultural de traços comportamentais, sendo esse processo de socialização uma injunção que os sujeitos recebem durante toda a vida, especialmente na infância. Tais comportamentos servem à manutenção do sistema de opressão (SAFFIOTI, 2004).

O que cabe destacar, entretanto, é que tais comportamentos não são impostos de modo aleatório. Comportamentos de masculinidade e de feminilidade se mostram aqui divergentes e contrários, se colocando assim como sistema hierárquico que sustenta a dominação masculina sobre mulheres. O processo de socialização constrói em homens características de dominação, força, violência. Por outro lado, ao “ser mulher” se atribui comportamentos de subordinação, obediência e afetividade (SAFFIOTI, 2004).

Partindo disso, a visão materialista concebe o gênero como um sistema de expectativas e hierarquias impostas às mulheres, mas também aos homens, compreendendo que a sociedade patriarcal reforça a relação de gênero como relação de dominação entre os sexos, segundo o qual homens possuem o poder sobre as mulheres enquanto classe (BEAUVOIR, 2016). Importante destacar que tal hierarquia está diretamente entrelaçada com outras, tais quais racismo, classismo, capacitismo, homofobia, entre outras, se fazendo necessária uma análise de perspectiva abrangente e interseccional (SAFFIOTI, 2004).

Para Saffioti (2004), ao sistema de gênero, socialmente dividido a partir de características de masculinidade e feminilidade, resulta na violência que mulheres sofrem na sociedade, de modo que a masculinidade exerce poder e se reproduz através de comportamentos agressivos, opressivos e violentos.

Dentro das violências enfrentadas por mulheres dentro do sistema patriarcal, pode-se destacar a violência física, violência sexual, violência psicológica, violência econômica ou

patrimonial e a violência institucional (SAFFIOTI, 1997). As consequências trazidas com a vivência de situações de violência nas mulheres são diversas e severas, se apresentando de modo imediato ou a longo prazo, entretanto, sendo muitas vezes negligenciadas. Para além das consequências físicas observadas, a violência traz diversos efeitos psicológicos, impactando diretamente na vida dessas mulheres (CAMPOS et al; 2022).

2.2 O FENÔMENO DAS DROGAS EM PERSPECTIVA

Considerado um problema de saúde pública e presente em todo o espaço mundial, o consumo de drogas suscita discussões sobre. As drogas são definidas como substâncias inanimadas, muitas vezes utilizadas de forma recreativa, entretanto o sujeito estabelece no seu contato o tipo de relação que têm com ela, ganhando assim significados (CUGLER, 2018) As situações vivenciadas pelos sujeitos na esfera social, familiar, profissional, cultural, moral ou de saúde, são apontadas por profissionais como um dos principais fatores fundamentais para o início e a manutenção do consumo de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, por pessoas de qualquer sexo, idade, classe social ou raça (VENOSA, 2011).

Popularmente, o termo “drogas” é utilizado para se referir a substâncias psicoativas ilícitas, das quais o uso é compreendido como abusivo e são alvo de proibição. Na contemporaneidade o uso de drogas assumiu espaço de debate público, tanto a nível de saúde, como jurídico e no campo das ciências sociais, normalmente partindo da perspectiva do perigo à saúde pessoal e pública e associada à criminalidade e violência. A análise do uso de drogas a partir dessa perspectiva aponta para a ameaça à saúde, à família, à moralidade, à ordem pública, que tende a provocar a distorção decisiva, atribuindo às “drogas” uma imagem caricaturada de um mal a ser banido, controlado e eliminado da sociedade (LABATE, 2008).

Quanto à essa compreensão predominante socialmente que define o uso de drogas enquanto o uso de psicoativo ilícitos, se pode apontar como problemas resultantes o fato de colaborar com a noção do uso das drogas dentro de uma perspectiva de patologia de dependência ou vício, que provoca a estigmatização do sujeito que faz uso como “viciados” ou “dependentes”, o que acarreta consequência na forma de tratamento tanto em aspecto de saúde como jurídico, ou a nível das relações sociais. Logo, em consequência, substâncias psicoativas entendidas como ilícitas se tornam aos olhos da sociedade um perigo e uma ameaça (LABATE, 2008).

Apesar de comumente se abordar o fenômeno do uso das drogas em estudos a partir de perspectivas de saúde ou jurídica, reforçando o caráter de ilegalidade e de perigo das drogas,

algumas visões buscam compreender o uso de substâncias a partir de outras perspectivas. Abordando a visão psicanalítica se pode compreender o uso de substâncias tóxicas enquanto recurso ou resposta utilizada pelo sujeito na vivência de um mal-estar inerente ao processo de formação da cultura e da formação psíquica do sujeito. Seria abordado, dessa maneira, a partir da ideia de uma “medida paliativa” para suportar os sacrifícios na constituição do ser humano dentro das civilizações (RIBEIRO, 2009). Segundo Freud “todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado” (FREUD, 1930/1996, p.85), e é frente a essa perspectiva que o sujeito necessita de vias para suportar esse sofrimento.

A visão psicanalítica ainda reforça que nem todo consumidor de drogas deve ser colocado em uma perspectiva de dependência, ou vício. Assim, se torna necessário fazer uma diferenciação entre o uso esporádico feito pelo sujeito, de um uso que se torna o único meio de enfrentamento da dor sentida (RIBEIRO, 2009).

As diferentes formas de existência e uso das substâncias e a forma como são vivenciadas variam a partir de aspectos históricos e culturais, não podendo ser concebida apenas dentro de aspectos de medicina ou farmacológicos, que tomem como perspectiva de análise apenas a classificação de “boa ou má” (LABATE, 2008). O uso das substâncias envolve em muitos aspectos questões complexas de individualidade do sujeito, que toma um significado próprio, sendo tomados questionamentos e reflexões quanto a liberdade, sofrimento, conhecimento, crime, moralidade, violência que precisam ser tomados enquanto objeto de análise quando se fala sobre o sujeito que faz uso de drogas (DELGADO, 2005).

Dentro do contexto social a vulnerabilidade se refere aos fatores associados ao contexto de um determinado grupo, que vivencia situações de desajustamento ou oportunidades que podem ser minimizados ou fortalecidos pela capacidade de enfrentamento desse grupo os do sujeito, além dos recursos disponíveis (JANSEN; MEYER; FELIX, 2014). No contexto do uso de drogas, os fatores de risco são os que colaboram para que o sujeito passe a fazer o uso de drogas, ou as situações que podem levar a dificultar o abandono da droga ou que levem a maiores riscos à saúde. As vulnerabilidades no contexto do uso de drogas são inúmeras, podendo se dar destaque aos elementos sociais, violência, aspectos de saúde (CAIXETA et.al., 2015).

Os sentidos atribuídos ao uso de substâncias psicoativas, bem como os usuários tenderam a tomar formas diferenciadas ao longo do tempo, a partir dos aspectos culturais. É a partir disso que a política de Redução de Danos é pensada, de modo se tornar um espaço onde esses sentidos podem ser refeitos e modificados, partindo da significação do que se define como

substância psicoativa, bem como os cuidados voltados para os usuários (JANSEN; MEYER; FELIX, 2014).

Apesar da política de redução de dano ter ganhado espaço no debate sobre o uso de drogas e no tratamento do sujeito, surgindo como uma alternativa de política pública, o debate em torno do consumo de drogas permanece pautado no proibicionismo, que parte do controle e criminalização do uso e comércio das substâncias. Faltando, dentro disso, o diálogo a partir de uma perspectiva ampla que compreenda o sujeito para além das drogas e compreenda os diversos aspectos sociais e culturais envolvidos (LABATE, 2008).

É crucial, dessa maneira, reconhecer que o sujeito tem um papel ativo nesse processo. As razões dadas por pessoas ao uso de drogas são diversas, envolvendo circunstâncias individuais e variadas. Partindo disso, é preciso compreender a interpretação dada pelo sujeito na experiência do uso de drogas, as motivações que potencializaram o consumo esporádico ou repetitivo da substância, por que a escolha da substância em específico, os sentidos, razões, seus efeitos e consequências a nível pessoal e social para a vida do sujeito. Há de se pensar, assim, as especificidades individuais, mas também compreender que o uso de qualquer substância é condicionado por aspectos culturais, históricos e sociais (FONSECA, 2005).

2.3 MULHERES E USO DE SUBSTÂNCIAS

Para se falar sobre drogas e gênero é necessário se compreender as possíveis vulnerabilidades existentes dentro dessa relação. Compreendendo vulnerabilidade a partir da ideia de risco e potencialidade dentro do aspecto social que pode condicionar o processo e onde o sujeito pode desenvolver modos de adaptação com o contexto em que está inserido (ALVES; ROSA, 2016).

Ao contrário do que muitas vezes se acredita socialmente, o uso e abuso de substâncias psicoativas não é um problema masculino, de modo que se observa nos últimos anos um aumento substancial no número de mulheres em drogadição. Desse modo, o conceito de gênero tem sido um marcador social importante na abordagem para reconhecimento do impacto das construções sociais das relações de masculinidade e feminilidade sobre o uso de substâncias (OLIVEIRA; PAIVA; VALENTE, 2006).

O aumento do uso de drogas observado em mulheres e constatado de forma alarmante nos levantamentos epidemiológicos nacionais, evidencia que o público feminino está atravessado pelos valores da contemporaneidade e procurando formas de enfrentamento do

sofrimento e incertezas que vivenciam, utilizando o álcool ou drogas como método de lidar com a angústia, solidão ou insatisfação com a forma de existência (SILVA; CAVALCANTI, 2019).

Para profissionais estudiosos da temática, a sobrecarga de trabalho e as responsabilidades impostas nos papéis sociais e culturais atribuídos às mulheres, podem ser aspectos que favorecem ou dificultam o consumo de drogas (OLIVEIRA; PAIVA; VALENTE, 2006). A busca por aperfeiçoar e se encaixar dentro do perfil considerado adequado e no desempenho das responsabilidades atribuídas ao gênero, bem como a busca por atender aos padrões estéticos estabelecidos, são considerados fatores que favorecem o consumo de drogas (CUGLER, 2018).

O uso e abuso de substâncias psicoativas por mulheres são estigmatizadas socialmente, visto que, essas mulheres são vistas de forma negativa, por não aceitarem e respeitarem os papéis socialmente considerados femininos e por consumirem drogas. Considerando que, tradicionalmente o cuidado e a educação dos filhos, o cuidado com as tarefas domésticas, e o companheiro são atribuídos à mulher, quando essa mulher se encontra em uso de drogas e negligencia estas funções passa a ser vista e taxada no meio social como egoísta ou irresponsável (SOCCOL, 2014).

Mulheres, enquanto usuárias de drogas, para além dos impactos na saúde física, se mostram mais predispostas a desenvolverem problemas de saúde mental, estando presente muitas vezes depressão, ansiedade ou transtorno de estresse pós-traumático. Ambientes de interdependência, tendem a facilitar a manutenção do consumo diário de drogas e aumentar o nível de vulnerabilidade das mulheres (ALVES; ROSA, 2016). Além desses fatores, mulheres em uso de substâncias psicoativas, ainda possuem o aumento da vulnerabilidade quanto a situações de violência, estando mais suscetíveis à violência sexual. Se compreende ainda, dentro de tais aspectos, que mesmo que, o percentual de mulheres com problemas quanto a uso de drogas seja menor que o de homens, elas tendem a sofrer mais consequências e efeitos de maior gravidade, quanto ao aspecto das relações sociais (CAIXETA et al; 2015).

As desigualdades de gênero são observadas, ainda, nos estudos dentro da temática, quando se observa que as situações relacionadas ao uso de drogas por mulheres, focalizando aspectos que normalmente estabelecem às mulheres condições de insuficiência ou subordinação (QUEIROZ, 2015). Além disso, os estudos voltados às questões de saúde da mulher que faz uso de substâncias, tendem a permanecer em torno de questões sexuais e reprodutivas, sendo comum um maior foco na mulher gestante ou mãe, por exemplo. Cabendo lembrar que, socialmente as discussões em torno da saúde da mulher sempre estiveram focadas na ginecologização e na capacidade reprodutiva (JANSEN; MEYER; FELIX, 2014).

Considerando tais aspectos, é indispensável a compreensão de todos esses fatores e suas formas de estabelecimento na vida de mulheres, para assim compreender as múltiplas faces do uso de drogas (MARANGONI; OLIVEIRA, 2013). É preciso analisar, assim, os determinantes sociais envolvidos na prática do uso de drogas por mulheres e sua repercussão em suas vidas. Os estudos realizados dentro da temática apontam que o início precoce do uso de drogas por mulheres, estariam relacionados a problemas afetivos, familiares ou a influência do meio, evidenciando, ainda, que mulheres tendem a usar drogas como válvula de escape para situações cotidianas (VARGAS et al; 2015).

Dentro dos estudos realizados no campo, se percebe uma negligência, ainda, quanto ao aspecto de orientação sexual, existindo poucos dados que relacionam o uso de substâncias por mulheres lésbicas. Há ainda, pouca abrangência do tema quanto às questões de classe social e raça/etnia, visto que o uso de drogas pode estar relacionado não apenas às vivências de gênero, mas também às situações de desigualdade enfrentadas por essas mulheres (ALVES; ROSA, 2016).

O uso de substâncias psicoativas está permeado pelas relações de poder, observando a distinção dos padrões nos usos por homens e mulheres, Oliveira (2008) relata que, mulheres iniciam o envolvimento com drogas na maioria dos casos por experiências vivenciadas de violência ou traumas, especialmente em contexto familiar, ou por possuir parceiro ou parente usuário. As pesquisas realizadas nesse campo, ainda apontam que o início do uso de substâncias por mulheres é atribuído de forma significativa à suas relações com homens. Além disso, os estudos revelam, ainda, que mulheres que fazem uso de alguma substância apresentam o sentimento de ter “falhado” no seu papel na feminilidade tradicional, demonstrando em seus discursos o sentimento de culpa e imagem negativa de si decorrentes do uso (ALVES; ROSA, 2016).

Para além, os significados dados ao consumo de substâncias psicoativas, por homens e por mulheres é visualizado de modo diversificado. O consumo realizado por homens, se mostra uma conduta de reforço à masculinidade, sendo mais aceita e reforçada cultural e socialmente. Em contrapartida, o uso realizado por mulheres, é interpretado como uma transgressão aos valores sociais, tido como um comportamento desviante e que contraria as normas sociais, o que provoca uma maior reprovação social e menos apoio familiar ou social (ALVES; ROSA, 2016).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa em questão é uma análise exploratória, de abordagem quantitativa, com objetivo de coletar, através de questionários, informações relativas às vivências de gênero de mulheres e o uso de drogas das mesmas.

Nas ciências sociais a pesquisa quantitativa é utilizada para obter conhecimento acerca de atitudes dos entrevistados, estabelecer padrões e confirmar teorias, fazendo para tal o uso de questionários, que permite medir e formular hipóteses. São observadas a objetividade, a sistematização e a quantificação dos conceitos, como traços definidos na pesquisa quantitativa (LAKATOS, 2017).

A pesquisa exploratória se dá pela investigação de algum objeto de estudo que possui poucas informações (BOENTE; BRAGA, 2004), sendo assim, auxiliando na criação de possíveis pesquisas com a aprimoração de dados e estudos sobre a temática. Intenciona, assim, proporcionar maior proximidade e familiaridade com o tema de gênero e necessidades de saúde, por meio da discussão do levantamento bibliográfico com o material coletado em campo.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 118 mulheres. Foram considerados como aptas a participar da pesquisa as candidatas que apresentaram idade maior de 18, que se encontrarem em condições físicas e psicológicas, e sem alterações da consciência provocada por uso de álcool e/ou outras substâncias psicoativas e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e Termo Pós-esclarecido. Foram utilizados como critério de exclusão qualquer candidata que não atenda aos critérios de inclusão.

3.3 INSTRUMENTOS

O instrumento foi elaborado pelos próprios autores da pesquisa está dividido em três partes, a saber:

- Questionário sociodemográfico no qual os participantes responderão, na qual serão fornecidas informações como idade, etnia, escolaridade, renda e orientação sexual.

- Questionário sobre modos de socialização e aspectos de gênero com perguntas sobre situações de opressão, vivência de violência, tipo de violência sofrida os contextos em que ocorreram e os principais autores da violência.
- Questionário sobre a relação com uso de substâncias psicoativas onde as participantes respondem se já utilizaram drogas, tipos, idade do primeiro uso, as situações em que fazem uso, os principais problemas decorrentes do uso. E, perguntas relacionando gênero e o uso de drogas, com perguntas sobre vivências de violência em situações de uso de drogas, estigmatização, assédio e sentimento de preconceito.

3.4 PROCEDIMENTOS

O instrumento foi disponibilizado de modo *online*, na plataforma ZohoForms, através do link que foi enviado às pessoas convidadas para preenchimento dos instrumentos, sendo condicionada a concordância com os termos de consentimento para que as páginas seguintes, contendo os questionários, sejam disponibilizados.

De início foi solicitado aos participantes o preenchimento do questionário de informações sociodemográficas destes, seguido dos questionários sobre comportamentais (hábitos de vida), questões envolvendo modos de socialização e aspectos de gênero e o questionário sobre relação com uso de substâncias psicoativas.

3.5 ANALISE DOS DADOS

Os dados foram exportados da plataforma ZohoForms para o Microsoft Excel e, em seguida, para o Pacote Estatístico para Ciências Sociais (IBM SPSS v.20), onde foram analisados através de estatísticas descritivas e inferenciais, com o uso de testes não paramétricos.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Os princípios éticos foram considerados para a aplicação da pesquisa, de modo que antes do início, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO).

Desse modo, foi esclarecido às participantes quanto às informações necessárias sobre a pesquisa, quanto a natureza, objetivo, método, procedimentos utilizados, riscos, desconfortos e benefícios, de modo a respeitar a decisão individual de participação a ser expressa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos mesmos. Foi exposto às participantes, ainda, os princípios éticos da pesquisa, de modo a respeitar a dignidade e autonomia dos mesmos, garantindo a participação e permanência na pesquisa apenas se as mesmas concordarem. Também foram tomados os devidos cuidados quanto à possibilidade vazamento de dados.

Para além foram assegurados ainda, os direitos e deveres destas enquanto participantes e ainda o anonimato das respostas. Assegura-se ainda que a participação do sujeito na pesquisa poderá ser encerrada se este desejar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir será apresentado os resultados obtidos com a análise dos dados da referida pesquisa, a partir das perguntas que compuseram os questionários. Participaram da pesquisa 118 mulheres. A porcentagem de respostas consideradas válidas equivale à 99,2% das respostas totais, considerando os critérios de exclusão descritos.

Quanto a caracterização das participantes da pesquisa 64,7% possui idade entre 21 e 25 anos, 20,7% entre 18 e 20 anos e 14,7% possui idade acima de 35 anos. No que se refere à sexualidade 48,3% se definiu como bissexual, 38,1% heterossexual, 11,9%. Quanto à etnia 51,3% das participantes é branca, 36,1% parda, 11,8% preta e 0,8% amarela. Os dados obtidos na pergunta referente à religião apresentaram 51,3% das respondentes como sem religião e 23,5% católica. Já em relação à renda 46,6% possui renda média entre 1 e 2 salários mínimos, 22,0% até 1 salário mínimo e 21,2% entre 2 e 5 salários mínimos.

O uso de drogas pode não apenas estar relacionado aos fatores de gênero e normalmente os aspectos relacionados à etnia, renda e orientação sexual tendem a ter papel importante como fatores de vulnerabilidade, visto que relacionando-se aos aspectos de socialização de gênero esses marcadores sociais potencializam tanto o uso de substâncias, como as consequências decorrentes (ALVES; ROSA, 2016). Isso se dá pois no contexto de uso de drogas, são considerados fatores de risco tudo aquilo que pode colaborar para o início do uso ou que levam a maiores riscos ao sujeito. Os marcadores usados são importantes para uma melhor análise considerando que estão ligados à elementos sociais específicos, violência e aspectos de saúde

característicos, sendo por isso necessária uma análise de uma perspectiva abrangente e interseccional (CAIXETA et al, 2015).

4.1 GÊNERO E VIOLÊNCIA

Referente ao questionário aplicado sobre gênero e violência, foram selecionados alguns dados entre as respostas coletadas. Na pergunta referente a sentir-se oprimida por ser mulher 88,0% das participantes responderam que sentiam sim. 91,5% afirmaram já ter vivenciado alguma situação de opressão por ser mulher. Os contextos mais frequentemente apontados como contextos em que se sentiram oprimidas foram relações familiares (74,8%), círculo social (51,4%), escola ou faculdade (49,5%), relacionamentos íntimos (45,0%) e contexto profissional (44,1%). Tais aspectos são relevantes para a compreensão do ser mulher em sociedade.

Como descrito por Beauvoir (2016)) a construção do ser mulher não se dá de modo efetivo, acontecendo em processo contínuo, sendo importantes aspectos comportamentais e culturais para manutenção das mulheres nesse lugar de opressão. O fato de 91,5% das participantes identificarem que já foram oprimidas e a diversidade de contextos em que ocorreu essa opressão torna explícito como os papéis de feminilidade são consequência de uma imposição social e cultural, sendo um processo que acontece durante a vida toda dentro da cultura onde são reforçadas contantemente por todos os sujeitos.

Dentre as participantes, 70,9% afirmam que já presenciaram em algum momento de sua vida violência ou abuso contra alguma mulher da sua família e 68,4% já vivenciaram algum tipo de violência relacionada ao seu gênero. O processo de socialização de gênero se baseia na relação hierárquica entre homens e mulheres, onde mulheres são mantidas nos lugares de subordinação, tal relação dicotômica potencializa a violência sofrida por mulheres, devido aos reforçadores sociais com relação aos comportamentos esperados de masculinidade e feminilidade (SAFFIOTI, 2004).

Quando avaliado separadamente quanto à orientação sexual, 84,60% e 73,20% das mulheres que se declaravam respectivamente homossexuais e bissexuais afirmaram já ter sofrido violência, enquanto entre as que se declaram heterossexuais, esse número cai para 60,00%. Já se tratando de etnia, mulheres pretas 78,60%, brancas 67,20% e pardas 65,90%. Referente à renda os números mais expressivos se referem a mulheres com renda entre 2 e 5 salários, às quais foram 91,30%. As mulheres com renda de menos de 1 salário mínimo ou de

renda entre 1 e 2 salários apresentaram respectivamente 61,50% e 65,50%. O menor dado obtido se refere a mulheres com renda acima de 5 salários com porcentagem 50,00%.

Esses dados obtidos, refletem a necessidade da abordagem dos diversos marcadores sociais a fim de se compreender a fundo as especificidades dessas relações. Com isso, é possível se pensar mais concretamente sobre o modo como as relações de dominação não devem ser entendidas de modo individual, sendo preciso uma reflexão a partir dos diversos sistemas de opressão que estão refletidos na vivência dos sujeitos.

Na análise desses dados, cabe se pensar ainda a diferença dos resultados apresentados nas respostas quanto se sentir oprimida por ser mulher e ter vivenciado alguma violência com base em seu gênero. Tais respostas levantam o questionamento quanto à compreensão de que comportamentos ainda que de opressão não estão sendo identificados como violência. Considerando que a visão materialista entende o processo de imposição de gênero como uma própria violência essa dicotomia é importante para entender a percepção das mulheres sobre a relação de gênero e da socialização. A maneira como as mulheres entendem reflexivamente o sistema de gênero torna-se relevante para compreender como elas se mantêm presas dentro desse sistema (JANSEN; MEYER; FELIX, 2014). Saffioti (1994), em seus trabalhos, procura entender o que mantém as mulheres submetidas às funções biológicas e com aos determinantes sociais relacionados à dominação masculina e por que, mesmo com as modificações históricas e culturais, as mudanças com relação à figura feminina ainda são tão sutis. A dificuldade de as mulheres entenderem reflexivamente o sistema hierárquico de dominação em que vivem dificulta a luta pelo fim do sistema patriarcal (SAFFIOTI, 2004).

Dentre as participantes que relataram já ter vivenciado alguma situação de violência, os principais autores das violências sofridas pelas participantes foram: autor desconhecido (36,3%), amigos (29,2%), tios, primos e parentes (28,3%) pais ou avós (23,9%), parceiro íntimo (20,4%). Os principais contextos em que aconteceu a violência foram em casa (39,3%), locais públicos (40,2%), festas (28,6%), com parceiro íntimo (13,4%), trabalho (10,7%) e durante alguma relação sexual (9,8%). Quanto às principais violências sofridas apontadas nas respostas das participantes tem-se a violência sexual (22,0%), psicológica (16,5%), moral (15,6%), física (2,8%), patrimonial (2,8%).

Pode-se pensar a partir disso, o fato de que, não existem locais completamente seguros para mulheres, as violências acontecem nos diferentes contextos e com os diferentes autores, de modo que ainda que em ambiente familiar, mulheres ainda estão vulneráveis às mais diversas formas de violência. Saffioti (1994) argumenta que a violência deve ser entendida, também, a partir da perspectiva do agressor, apontando assim “violência masculina” como o

termo mais coerente referente à temática, visto que a maioria das mulheres em algum momento de suas vidas, vai ser vítima da violência praticada por algum homem. A autora ainda traz que as consequências da vivência de uma situação de violência nas mulheres podem se apresentar a curto ou longo prazo e são diversas, observando-se, na maioria dos casos, as consequências psicológicas, especialmente a longo prazo. Essas consequências podem ser entendidas como refletidas, em alguns casos, no uso de drogas por mulheres, considerando que o uso de drogas como forma de lidar com as diversas situações enfrentadas durante a vida.

Referente a essas questões sobre o agressor, foram analisados separadamente os resultados envolvendo as categorias: (a) pais ou avós e (b) tios, primos ou outros parentes, considerando o grau de proximidade que esses autores têm com as vítimas. Quanto à orientação sexual as mulheres que se declaram homossexual apresentaram o maior índice, com 46,20% para pais ou avós e 38,50% para tios, primos e parentes. O último não apresentou grande divergência quando comparado às respostas de mulheres bissexuais, que foi de 35,20%. Entretanto, quando se comparam aos dados referentes a pais ou avós essa diferença se torna mais expressiva, de modo que as bissexuais apresentaram 29,60%. Essas diferenças são mais evidentes quando avaliados os dados de mulheres heterossexuais que foram de 9,30% para pais ou avós e 16,30% para tios e outros parentes.

Tais dados levantam questionamentos quanto às vivências de mulheres que não estão de acordo com a heteronormatividade e as consequências decorrentes dessa variável, especialmente se a violência sofrida estaria relacionada com a referida sexualidade. Souza et al. (2021) revelam que mulheres lésbicas e bissexuais, relataram mais ter vivenciado situações de violência e maus-tratos, violências sexuais, domésticas, físicas, perseguição, assédio, entre outros tipos de agressões por algum amigo ou parente quando comparado a mulheres heterossexuais. Essas formas de agressão, podem ser pensadas dentro da perspectiva de gênero, como uma forma de “punição” dada àquelas mulheres que negam-se à submissão aos papéis de gênero e se mostram transgressoras das normas convencionais.

No que tange à etnia os dados mais expressivos foram referentes à tios ou avós e mulheres pretas. Os dados obtidos foram de 35,70% enquanto que para mulheres brancas foi de 24,10% e pardas 20,00%.

4.2 USO DE DROGAS

Os dados coletados com o questionário de uso de drogas apresentaram entre seus resultados os seguintes percentuais. O uso de drogas em algum momento de suas vidas foi

relatado por 87,3% das mulheres participantes da pesquisa. Dentre as drogas mais usadas pelas participantes, observou-se: bebidas alcoólicas (94,8%); tabaco e derivados (65,5%); maconha (58,6%) e psicofármacos (29,3%). Esses dados estão de acordo com estudos, como o de Rabello e Caldas (2007), que apontam bebidas alcoólicas como as mais usadas por mulheres. Os psicofármacos também aparecem de forma expressiva, o que reforça a popularidade do uso no contexto brasileiro, especialmente por mulheres, como apontado por Oliveira, Nascimento e Paiva (2007). Os contextos mais frequentes em que há o uso de drogas por essas mulheres foram: comemorações (91,3%); quando estava tensa, com raiva ou triste (42,7%) e para diminuir a timidez (21,4%).

Almeida e Scheffer (2010), ao falarem sobre o uso de álcool, argumentam que mulheres, além de se tornarem mais vulneráveis a agressões, ao sentimento de culpa e à vergonha, também são tratadas diferentemente de homens. Além disso, os fatores normalmente associados ao consumo pelas mulheres envolvem fatores internos, como também é observado nos resultados dessa pesquisa, onde os sentimentos de raiva e tristeza ou o uso para diminuir a timidez foram apontados entre os principais contextos de uso.

No que se refere à idade do primeiro uso, a média de idade com que experimentaram pela primeira vez foi entre 16 e 17 anos (16,5 anos); sendo a experiência mais precoce, aos 9 anos, e a mais tardia, aos 23 anos. Com relação ao início do uso de drogas, o início precoce por mulheres está relacionado a vivências traumáticas e comumente relacionadas ao seu gênero, tais como abuso sexual, violências e problemas em contexto familiar (TASSINARI et al, 2018). Também se analisa que a maioria iniciou durante a adolescência, etapa em que estão mais suscetíveis à influência externa. Esse fato acrescido dos aspectos de gênero pode causar consequências negativas à essas mulheres.

Foram analisadas separadamente as respostas da participante que afirma ter feito o primeiro uso aos 9 anos. A mesma é homossexual, parda e renda de até 1 salário mínimo. Os contextos em que afirma ter sofrido alguma violência de gênero foram: relações familiares, contexto profissional, escola ou faculdade. Os principais agressores foram: pais ou avós, amigos ou colegas, tios, primos, ou outros parentes, pessoa desconhecida. O principal contexto foi em casa. As drogas que fez uso foram: bebidas alcoólicas; cigarro, charuto ou cachimbo; morfina, codeína ou ópio. O uso mais comum é quando está tensa ou com raiva, ansiosa ou triste. A participante nunca sofreu nenhum tipo de violência quando estava sob uso de substância, mas afirma que em situações em que estava fazendo uso de álcool ou alguma droga, sente que as pessoas tomam maiores intimidades.

Quando analisado os dados quanto a se já fez uso de drogas alguma vez, a partir da variável orientação sexual todas as mulheres que declararam homossexuais relataram já ter feito uso de alguma droga, enquanto 86,70% das heterossexuais e 85,70% das bissexuais afirmaram ter usado droga alguma vez na vida. Essas informações somadas aos outros aspectos gerais de gênero, classe e raça evidenciam como substâncias psicoativas são utilizadas de modo majoritário por mulheres como válvula de escape e modo de enfrentamento das situações adversas, sendo as vivências de gênero, especialmente as violências, as mais comuns.

No que se refere às perguntas que abordavam o uso de drogas e vivências de gênero e violência, 30,6% das participantes afirmam ter sofrido algum tipo de violência em situações em que estavam sob efeito de alguma substância. 55,0% das participantes afirmaram que sentem que em alguma situação de violência em que estava sob efeito de substância, o ato teria sido minimizado ou havia sido culpabilizada. 77,3% acreditam que as pessoas tomam maiores intimidades quando elas estão sob efeito de alguma substância. Por fim, 40,5% acreditam que já tiveram relações sexuais com alguém apenas por estar sob efeito de alguma substância no momento. Isso evidencia que para além das consequências causadas pela substância usada, mulheres ainda sofrem com as consequências sociais do uso, já que se tornam mais vulneráveis às situações de violência, com foco na violência sexual (CAIXETA et al, 2015).

Avaliando separadamente os dados referentes à vivência de violência sexual quando em uso de substâncias, 30,20% das mulheres bissexuais afirmam ter sofrido, 21,40% homossexuais e 12,80% heterossexuais. Quanto à etnia mulheres pardas apresentaram maior índice com 28,90%, já pretas foi de 21,40% e brancas 17,90%. E quanto à renda 27,50% das mulheres com renda entre 1 e 2 salários já sofreram a violência, mulheres com renda entre 2 e 5 20,00% e de até 1 salário mínimo 14,30%.

Alguns estudos apontam que as mulheres se sentem culpadas e apresentavam imagem negativa de si por fazerem uso de drogas. Apesar do estudo realizado não ter avaliado esse aspecto, 71,8% afirmaram que sentem que, por serem mulheres, as pessoas julgam ou toleram menos o uso de substâncias por elas. Esse dado é justificado e entra de acordo com outros estudos que argumentam que mulheres são vistas negativamente socialmente por fazerem uso de drogas, especialmente pelo fato de não estarem seguindo as normas sociais do que é o comportamento correto para mulheres, abandonando assim os papéis sociais (TASSINARI et al, 2018).

Além do fato de que mulheres sofrem maior preconceito pelo uso de drogas, essa estigmatização pode ser potencialmente maior quando estão relacionadas à classe e etnia, de modo que mulheres negras ou de baixa renda tendem a ser mais julgadas negativamente por

uso de drogas. É o que Saffioti (2004) chama de opressão, a soma da dominação e exploração. Essas mulheres não são discriminadas apenas por serem mulheres, mas também por serem pobres e por serem negras, havendo a associação a diferentes identidades estigmatizadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulheres em sociedade estão inseridas dentro de uma relação hierárquica de dominação, de modo que situações e comportamentos, muitas vezes são naturalizados, tendo assim papel para a manutenção desse sistema. A percepção crítica das mulheres sobre suas vivências a partir de seu gênero possibilita assim uma reflexão sobre as estruturas sociais em que se vive, potencializando uma discussão pautada na luta para a libertação das mulheres de um sistema que violenta a existência feminina. Se entender como aspectos compreendidos, muitas vezes a partir de uma perspectiva de escolha individual ou subjetivismo, podem estar relacionados a uma estrutura social que produz opressão, é necessário para que se possa sair de um discurso que muitas vezes colabora para a manutenção desses sistemas.

O trabalho buscou responder aos objetivos, buscando comprovar as hipóteses iniciais quanto ao fato de que as vivências de gênero de mulheres possuem relação com o uso de drogas, se relacionando também com as consequências decorrentes desse. A amostra da pesquisa teve uma diversidade relevante, quanto à caracterização das participantes, o que possibilitou uma análise dos dados de forma mais crítica e reflexiva, considerando ainda os diversos marcadores sociais. que se relacionam com gênero e socialização.

Foi utilizado um aparato teórico dentro de trabalhos e estudos realizados dentro da temática, com a mesma população abordada. Sendo feita a discussão reflexiva dentro da perspectiva materialista de gênero, a partir de produções técnicas sobre o tema. Assim, foi possível perceber a partir dos resultados obtidos, as características das mulheres, suas vivências e suas relações com as drogas. As variáveis foram desenvolvidas a partir do instrumento produzido pela autora da pesquisa, alinhando as vivências de gênero, com foco nas violências sofridas e com o uso de drogas. Desse modo, foi possível perceber como o uso de drogas não é um fenômeno isolado, estando relacionado a diversos fatores ambientais, sociais e culturais, bem como foi possível observar a percepção das participantes sobre como as relações de gênero estão entrelaçadas com a temática.

O presente estudo tem por limitações a descrição de uma dada realidade, que não pode ser generalizável. É possível se pensar a partir deste, a realização de um estudo correlacional que possibilite uma descrição mais detalhada e abrangente das questões relativas a vivência de

gênero e suas implicações psicossociais. Também pode-se pensar a possibilidade de um estudo comparativo sobre tais questões envolvendo homens, de modo a observar as discrepâncias das experiências de ser homem ou mulher na sociedade. Esperava-se desse modo, ampliar a discussão da temática e entender as vulnerabilidades dessa população.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. M.; SCHEFFER, M.. Consumo de álcool e diferenças entre homens e mulheres: comportamento impulsivo, aspectos cognitivos e neuroquímicos. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana** ISSN 2075-9479 Vol 2. No. 3. 2010, 1-11.

ALVES, T. M.; ROSA, L. C. S.. Usos de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, p. 443-462, 2016.

BEAUVOIR, S.. **O segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOENTE, A.; BRAGA, G.. **Metodologia científica contemporânea**. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

CAIXETA, F. C. et al. Vulnerabilidade de mulheres em uso e abuso de substâncias psicoativas. **CIAIQ2015**, v. 1, 2015.

CAMPOS, F. R. P. et al. SAÚDE MENTAL E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO: IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO SOBRE A SAÚDE MENTAL DA MULHER. **TCC-Psicologia**, 2022.

CUGLER, P. S.. **Gênero, feminismos e necessidades de saúde: a perspectiva das mulheres atendidas em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD)**. 2018.

DELGADO, P. G.. Drogas: o desafio da saúde pública. In: **Avessos do prazer: drogas, AIDS, e direitos humanos**. 2005. p. 165-181.

FONSECA, L. A.. O estigma sobre mulheres alcoolistas em tratamento no Serviço de Estudos e Atenção ao usuário de Álcool e outras Drogas do Hospital Universitário de Brasília. Monografia apresentada ao depto. de Serviço Social 2009.

FREUD, S. (1996) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago.

JANSEN, M.; MEYER, D. E. & FELIX, J.. (2017) Mulheres usam substâncias psicoativas? Atravessamentos de gênero na política de redução de danos no Brasil. **Psicologia Política**, 17(38), 90-104.

LABATE, B. C.. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LERNER, G.. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.

MARANGONI, S. R.; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 22, p. 662-670, 2013.

OLIVEIRA, J. F. de. **Invisibilidade do consumo de drogas como problema de saúde num contexto assistencial**: uma abordagem de gênero. 2008.

OLIVEIRA, J. F. de; PAIVA, M. S.; VALENTE, C. L. M. Representações Sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**. ABRASCO. v.11, n.2, abril/junho, 2006. p.473-481.

QUEIROZ, I. S. (2015). **Norma de gênero e uso de drogas**: normalização e diferença na experiência de mulheres (Tese de doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RABELLO, P. M.; CALDAS JÚNIOR, A. F.. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, p. 970-978, 2007.

RIBEIRO, C. T.. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade: A psychoanalytical view on the phenomenon of drug use nowadays. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 12, p. 333-346, 2009.

SAFFIOTI, H.. **Gênero, patriarcado, violência**. Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.

SAFFIOTI, H. (1997). Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas Sociais**, n. 2, São Paulo, p. 59-79.

SILVA, A. S.; CAVALCANTI, A. C. S.. GÊNERO E SAÚDE MENTAL: UM OLHAR SOBRE O CAPS AD ENQUANTO ESPAÇO DE CUIDADO NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019.

SOCCOL, K. L. S.. **Motivos atribuídos por mulheres ao abuso de substâncias psicoativas**. Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria; 2014.

SOUZA M. R. R. de et al. Gênero, violência e viver na rua: vivências de mulheres que fazem uso problemático de drogas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. [1-9] 2016.

SOUZA, Carolina et al. Violência contra mulheres lésbicas/bissexuais e vulnerabilidade em saúde: revisão da literatura. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 22, n. 2, p. 437-453, 2021.

TASSINARI, T. T. et al. Caracterização de mulheres em tratamento devido ao uso de drogas. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 3344-3351, 2018.

VARGAS, D. de et al. O primeiro contato com as drogas: análise do prontuário de mulheres atendidas em um serviço especializado. **Saúde em Debate**, v. 39, p. 782-791, 2015.

VENOSA, P.A.S. Grupos psicoterapêuticos de mulheres dependentes químicas: questões de gênero implicadas no tratamento. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v.12, n.1, p.56-65, 2011.

VIEIRA, L. B. et al. Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 67, p. 366-372, 2014.